

## APÊNDICE 2

### Quadro Transcrição Integral - Chefias

Pergunta	Descrição (respostas)	Tema	Significativo
<p>1 - Quando está de serviço o que sente quando é chamado a intervir numa ocorrência de incêndio urbano (IU) ou acidente de viação (AV)?</p>	<p>A – Apesar de saber qual o motivo do pedido de socorro, sinto grande ansiedade por tentar perceber concretamente o que se está a passar. A nível de emoções por exemplo mexe comigo um acidente com vítimas encarceradas. A nível de atitudes sinto uma necessidade muito grande de chegar ao local para ver e ajudar.</p> <p>B - O tempo de bombeiro é tanto que eu já não sinto nada. Já estou tão habituado a ser chamado, mas sinto algum nervosismo, ansiedade a partir do momento em que toca a campainha, a minha preocupação é saber o que se passa.</p> <p>C - Quando sou chamado, a minha principal preocupação é tentar perceber logo de imediato as particularidades do sinistro e o material a envolver no sinistro. <b>Não fico nervoso porque isso já foi mais ou menos ultrapassado</b>, apesar de não ficarmos insensíveis, mas como temos preocupações especiais em relação aos outros bombeiros, temos de pensar nos meios a accionar para a situação. Portanto, a nível de atitudes tento agir.</p> <p>D - 1º que tudo muita responsabilidade pelo acto, adrenalina porque são situações de socorro que mexem com as pessoas independentemente do grau de preparação que elas tenham ou não. Sinto algum nervosismo miudinho e emocionalmente mexe comigo, mas vamos com o tempo a aprender a lidar com isso, é algo humano e intrínseco.</p> <p>E – É um sentimento que não sei explicar, é uma adrenalina. A partir daquele momento o cérebro trabalha só para aquilo. Fico na expectativa e com receio de certas situações. Mas medo não tenho.</p> <p>F – Sendo uma situação fora do normal (UI/AV), em 1º lugar sinto um nervosismo muito grande, porque não sabemos para onde vamos e o que é que vamos encontrar e também porque não há 1 UI e AV igual. Também temos os nossos medos, por exemplo nos AV com crianças encarceradas, que vai fazer uma grande diferença no nosso comportamento. A nível de emoções, fico emocionado mas não interfere por norma com a minha prestação e performance. Quanto a atitudes, é agir imediatamente saindo logo que possível. Costumo</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>Adrenalina, nervosismo e ansiedade controlada, seguida de uma necessidade de agir e ir para o local.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>também criar cenários do que poderei encontrar.</p> <p>G – No momento que é dado o alarme a adrenalina dispara, e sinto ansiedade até chegar ao local. Fico preocupado e mais emotivo se envolver crianças na ocorrência e com o medo de falhar. A nível de atitudes, procuro sair o mais rápido possível para o local.</p> <p>H - Por norma sinto-me um pouco nervoso, porque não sei que tipo de cenário vou encontrar. Procuro “matutar” o que poderei fazer no local. A nível sentimental sinto ansiedade para ver o que me espera e tomar conta da situação. Quanto a atitudes procuro executar o serviço.</p>		
<p>2 – Quando está de serviço como prepara a intervenção para uma ocorrência de IU e de AV?</p>	<p>A – Não existe nenhum protocolo escrito de como se efectua a preparação. Fazemos por tradição. No início do turno por norma enquadro o pessoal nas suas funções e tarefas (UI – 1º e 2º agulhetas e 1º, 2º e 3º auxiliares e motorista. AV – 1º e 2º operadores, socorrista, segurança e assistente geral) que têm de desempenhar. Depois verificamos o material e viaturas. Ao longo do dia dou instrução se não houver serviços.</p> <p>B – A preparação é feita diariamente no início do turno com a verificação e confirmação da operacionalidade das viaturas e do material existente para IU e AV.</p> <p>C – Logo no início do turno, é regra da casa o pessoal ver o material das viaturas e as mesmas. Cada elemento de cada equipa tem uma função específica, ou seja, sabe precisamente o que tem de verificar/confirmar. <b>Diariamente quando não estamos a prestar socorro, estamos a fazer instrução.</b> Ou estamos no socorro ou estamos na instrução.</p> <p>D - Aqui na CBS já existem equipas preparadas e mencionadas numa ordem de serviço, que é mais ou menos cumprida podendo ser alterada mediante as necessidades do Chefe. É habitual no início do turno verificar-se todo o material (viaturas, bombas, ferramentas, etc) se está em condições. Depois a seguir a isso, é feita instrução prática todos os dias de manhã, que servem para treinarmos nas mais diversas áreas incluindo os IU e AV. Ou seja, são criadas situações de fogo urbano, salvamentos, desencarceramento, simulacros entre</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>Controle do equipamento (ferramentas, material e viaturas) e reforço das técnicas de trabalho com formação (instrução diária)</p>

## APÊNDICE 2

	<p>outros. Isto é trabalho diário de segunda a sexta independente das ocorrências que possam surgir. Existe 1 plano de instrução que tentamos cumprir, contudo às vezes vai de encontro às necessidades dos bombeiros.</p> <p>E – Por norma defino e informo as posições e tarefas dos bombeiros para IU e AV. As viaturas e todo o material são também vistos logo no início do turno.</p> <p>F – Preparo com vistoria do material das viaturas, treino diário, conversas sobre situações anteriores, troca de ideias e informação. Por norma os Chefes vão-se adequando conforme a sua maneira de ser à metodologia existente, mas à protocolos que têm de ser cumpridos para cada uma das ocorrências.</p> <p>G – No meu piquete tenho 1 escala de serviço quer para AV como para IU. Nesta escala criada por nós constam as tarefas para IU e AV de cada Bombeiro para cada dia de serviço. Ou seja, cada elemento tem a sua função específica. Depois diariamente cada elemento faz a verificação do seu EPI, das viaturas e material de cada uma, e é dada formação diária segundo o tema estipulado pelo comando onde a cada elemento está atribuído determinados temas.</p> <p>H – A caminho do local não preparo como deve ser porque sabendo que tipo de ocorrência se trata não tenho mais dados concretos. Com poucos pormenores, vou-me mentalizando e vou tentando assimilar com situações parecidas que já vivi e maneiras de trabalhar idênticas de outros colegas, simulacros e também a nossa formação, para tentar fazer algo mais rápido e adequado à situação em mãos.</p>		
<p>3 - Que decisões necessita de tomar para preparar uma intervenção para uma</p>	<p>A - Tenho de decidir sobre os meios (qual a viatura mais indicada e se é suficiente por exemplo em virtude das zonas de risco, o haver ou não marcos de incêndio no local, o material e equipamento por exemplo as escadas, etc), o percurso mais rápido, etc.</p> <p>B - Decido e digo aos meus homens quais as suas funções para UI e AV. Cada um deles sabe o que tem de fazer e como fazer. Decido também os meios a levar.</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>Decisão na escolha correcta dos meios (humanos e materiais).</p>

## APÊNDICE 2

<p>ocorrência de IU e de AV?</p>	<p>C - Independentemente das funções para cada bombeiro estarem atribuídas, se eu achar por questões técnicas que deva mudar 1 elemento, faço-o naturalmente. As decisões fundamentais que eu tenho de tomar, basicamente é escolher os meios afectar para aquele sinistro (em função da amplitude, dimensão, etc) mediante a informação disponível. Esta é a minha 1ª decisão, o que não quer dizer que no desenrolar da situação não venha tomar outras.</p> <p>D - Por norma para os AV e IU decido as posições e funções dos bombeiros e a estratégia no percurso e faço 1 gestão dos RH. Aqui no quartel não há tempo, equipamo-nos e pouco mais. Eu como chefe tenho de conhecer as pessoas e isso é muito importante. Porque para sucesso da operação tem de se conhecer as pessoas e pô-las nos sítios certos para desempenharem a missão. <i>Eu vou apostar em bombeiros que sei que não me vão falhar e que têm mais qualidade em determinada área, que executam de modo eficiente o serviço.</i> A nível de meios por exemplo, a minha decisão tem de conjugar com o tipo de IU e o local.</p> <p>E – Com base na informação do pedido de socorro tento imaginar o sinistro e procuro definir e decidir uma estratégia, decido qual a viatura ou as viaturas e por vezes o trajecto.</p> <p>F – Antes de sairmos para o local é fundamental cada 1 saber o que tem de fazer. Normalmente sou eu que decido através de uma escala, as posições de cada bombeiro. Esta escala é rotativa para que todos desempenhem as funções. Outra decisão tem a ver com a escolha da viatura mais adequada para a ocorrência.</p> <p>G – Consoante a situação escolho a viatura mais adequada, confirmo com a equipa se está tudo pronto para sair, e confirmo com a central de comunicações as informações e depois avanço para o local.</p> <p>H - Logo no início do turno é decidido por mim as posições de cada elemento para IU e AV. A caminho ou no local, são tomadas as decisões referentes à ocorrência</p>		
----------------------------------	--	--	--

## APÊNDICE 2

	em si.		
4 - Que tipo de informação consulta antes da intervenção numa ocorrência de IU e de AV?	<p>A - Consulto as informações do CDOS (Centro Distrital de Operações de Socorro), a meteorologia, sobre situações pendentes que são passadas pelo turno anterior e o gabinete de trânsito da CM em virtude de possíveis estradas cortadas.</p> <p>B - Procuo saber concretamente se há informações pertinentes, se alguma viatura está INOP e qual, ordens de serviço, alterações no trânsito (estradas cortadas), meteorologia, etc.</p> <p>C - Costumo consultar a meteorologia porque todos os dias recebemos 1 fax das entidades oficiais e se há ou vai haver estradas cortadas. Esta informação é municipal.</p> <p>D - Relativamente a AV consulto informação sobre estradas cortadas inclusive a auto-estrada. Nos IU muitas vezes são 1 dilema os carros de bombeiros estacionarem na cidade, por norma consulto Polícia Municipal para darem apoio aos bombeiros.</p> <p>E – Normalmente consulto as informações que se encontram no gabinete dos Chefes como estradas cortadas, entre outras.</p> <p>F – <b>Habitualmente no quartel eu gosto sempre de saber a meteorologia para as próximas horas porque tem influência no nosso percurso e na nossa actuação</b>, informações do CDOS, saber o sítio certo do sinistro, por exemplo se é numa zona urbana antiga de um IU, qual o trajecto mais rápido, saber se há estradas cortadas, etc.</p> <p>G – Consulto as ordens de serviço, a meteorologia, o trânsito (estradas cortadas), outras informações do CDOS, informações do Chefe do piquete anterior, etc.</p> <p>H - Se tiver oportunidade, poderei por exemplo num AV com matérias perigosas, a caminho do local poderei consultar o manual e recolher informação que me vai permitir traçar e delinear uma estratégia melhor. Num IU poderei ver as plantas do</p>	Preparação da intervenção	Consulta de informação secundária.

## APÊNDICE 2

	edifício.		
<p>5 - Que tipo de informação recolhe antes da intervenção numa ocorrência de IU e de AV?</p>	<p>A - Num IU normalmente recolho informação quanto á sua origem, se há ou não vítimas, qual o recheio da habitação, o tipo de edifício porque o comportamento de 1 incêndio num edifício recente é totalmente diferente de um antigo.</p> <p>Num AV recolho informação sobre se há vítimas encarceradas e o grau de lesões para à posterior dar prioridade a aquelas que inspiram mais cuidados, o local, sentido e km, se o acidente envolve matérias perigosas, o nº de viaturas envolvidas, etc.</p> <p>Toda informação é recolhida verbalmente por mim a partir da central de comunicações porque não há tempo a perder e a adrenalina é muito grande.</p> <p>B - Bom, a experiência é tanta que a partir do momento por exemplo, que somos accionados procuro recolher informação sobre que tipo de IU se trata (prédio, moradia, andar, local, se há vítimas, etc), apesar de me faltar saber o que se passa lá dentro. E a sua origem, porque poderá ser uma garrafa de gás, um exaustor, ou outras coisas que muitas das vezes nos passam ao lado. Tivemos à uns tempos atrás uma situação que no interior de uma vivenda se encontravam vários bidons de gasolina e maçaricos acesos apontados para garrafas de gás prontos a explodir, isto numa tentativa de suicídio/homicídio.</p> <p>C - Mediante a informação, nós temos por norma, ou seja, os nossos operadores de central têm por norma explorar o máximo de informação possível como o local e o tipo de sinistro, porque estamos numa cidade com edificado antigo e nem todas viaturas conseguem lá ir. Portanto é uma das nossas preocupações saber se as nossas viaturas têm acesso ao local. Tento também recolher informação sobre as zonas onde a rede de água não seja tão regular como dentro da cidade a nível de bocas de incêndio e a altura dos edifícios em situações de IU.</p> <p>D - Se for AV procuro recolher o local e o sentido, o nº de vítimas, o nº de viaturas, o tipo de veículos inclusive se há matérias perigosas, etc. Quando não chega, procuro saber ainda mais já a caminho do local em contacto com a central. A nível de IU, é identificar logo a zona, o tipo de habitação, se são escritórios porque varia muito em função das horas, se é hospital, se há vítimas, se é 1 prédio de altura, etc.</p>	Preparação da intervenção	Recolha de informação pertinente e complementar.

## APÊNDICE 2

	<p>E – Procuo recolher informações como o tipo de ocorrência, o local, o tipo de edifício, a estrada o sentido e o km e pouco mais, porque não há tempo a perder. Durante o trajecto peço mais informações à central de comunicações.</p> <p>F – Para os AV recolho informação sobre o local, que tipo de viatura envolvida, se envolve mais que uma viatura ou não, se há vítimas encarceradas, etc. Nos IU recolho informação sobre o local, tipo de edifício, andar, se há vítimas, o tempo no local ou seja, se há ventos porque pode ter influência na combustão do incêndio, etc.</p> <p>G – A nível de AV recolho informação sobre o tipo, meios envolvidos, localização exacta, quem fez o pedido (peço o contacto para à posterior confirmar os dados) e identificação de matérias perigosas. Em relação aos IU, recolho informação sobre a localização, se existem vítimas no interior da habitação, se existem perigos adicionais, o tipo de construção da habitação, se é 1 construção antiga ou moderna, etc.</p> <p>H - Tento recolher o máximo de informação como por exemplo: local, se há vítimas, o que se passa concretamente, se há matérias perigosas, tudo o que normalmente acaba por ser pouco.</p>		
<p>6 - Elabora cenários e define objectivos quando prepara a intervenção?</p>	<p>A - Sim costume. Começo logo a imaginar o que poderá estar a acontecer baseado na informação recebida e na minha experiência. Costume também definir objectivos. Por exemplo chegar rápido ao local, fazer o reconhecimento, definir a estratégia actuar de modo eficiente e rápido seja para AV/UI.</p> <p>B - Sim costume, baseado na minha própria experiência, porque eu a partir do momento em que sou chamado tanto de IU como AV, a minha cabeça dá “várias voltas”. Até lá chegar, muitas das vezes eu vou a pensar numa situação muito grande e quando lá chego não é nada. Outras vezes vou a pensar que não é nada e deparo-me com uma situação muito grande. Tudo depende do pedido de ajuda que recebemos na central.</p> <p>Quanto a objectivos, também os defino. Num IU o meu objectivo é extinguir o incêndio, mas se houver vítimas, elas são o meu objectivo principal. Se não houver vítimas a situação é diferente porque ficamos mais à vontade</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>Com base na sua experiência, elaboram cenários sempre a pensar no pior. Praticamente todos definem objectivos gerais (apagar incêndio, salvar vidas e bens, etc).</p>

## APÊNDICE 2

	<p>C - Não elaboro cenários, quer dizer, tento perceber com a informação que temos e o conhecimento dos locais, se há situações paralelas que nos podem dificultar o trabalho. Normalmente o piquete em si, tem essa preocupação e falamos uns com os outros. Mesmo o pessoal que não sai, se tiver alguma informação pertinente comunica ao chefe. Nos bombeiros trabalha-se em equipa. É algo normal na nossa profissão. Eu penso que não elaboro objectivos mas também não deixa de ser verdade que o objectivo no fundo é controlar o sinistro, é debelar o sinistro, salvar vidas, mas isso está inerente à nossa função. 1º salvar vidas e depois haveres. Agora os objectivos, é evidente que numa estratégia de ataque, numa situação mais complicada, o nosso trabalho tem de ser feito por objectivos, 1º uma coisa, depois outra e depois outra.</p> <p>D - Sim, em função da ocorrência e do que nos é dito, apesar de por vezes não ser correcta a informação. Em relação a objectivos também os defino. Usualmente defino uma estratégia para atingir determinados objectivos, por exemplo num IU vou atacar por aqui porque sei que o incêndio não passa desta divisão.</p> <p>E – Por norma sim, depois de saber qual a ocorrência. A tendência é elaborar cenários difíceis. <a href="#">A minha experiência leva-me a não imaginar cenários pequenos e fáceis mas sim a pensar no pior.</a></p> <p>F – Sim costumo elaborar cenários porque se a ocorrência por exemplo for numa zona antiga temos de ver a “coisa” de uma maneira, se for moderna temos de ver de outra maneira. Por norma vou criando cenários, imaginando o que vou encontrar, mas sempre o pior. Elaboro cenários com base na minha formação e experiência e também dos colegas, sempre com o intuito de não querer falhar.</p> <p>G – Costumo elaborar alguns cenários e mesmo a caminho o faço sempre a pensar no pior. Normalmente no local as coisas correm melhor do que imaginámos... Também elaboro cenários quando dou formação e com base na minha experiência, formação adquirida e internet. Quanto a objectivos costumo para AV definir como objectivo a remoção das vítimas nas mesmas ou em melhores condições o mais rápido possível. Nos IU será</p>		
--	--	--	--

## APÊNDICE 2

	<p>combater as chamadas o mais rápido possível tentando minimizar os estragos sem esquecer que a principal preocupação é o salvamento de possíveis vítimas.</p> <p>H – Sim. Por hábito para elaborar cenários penso em situações anteriores para tentar aplicar as mesmas estratégias ou adaptá-las à situação actual. Quanto a objectivos costumo defini-los, direccionando-os em 1º lugar para sempre que haja vítimas.</p>		
<p>7 - Em que se baseia para elaborar cenários ou definir objectivos para a intervenção?</p>	<p>A - Baseio-me em situações anteriores e na formação realizada seja para elaborar cenários e definir objectivos.</p> <p>B - Eu não sou de filmes, mas ao longo de 36 anos de bombeiro já elaborei N cenários. Baseio-me na minha experiência e na dos elementos que chefo. Quanto aos objectivos, é na informação recolhida, dimensão do sinistro, etc.</p> <p>C - Não me baseio em situações anteriores ou de colegas porque isto tem a particularidade de cada novo sinistro ser diferente do anterior, não há sinistros iguais. Agora uma situação de meteorologia, de condições extremas é evidente que nós tomamos precauções idênticas a outras situações que já nos aconteceram no passado, mas isso está interiorizado. O nosso tempo de bombeiro interioriza essas excepções e a tomada de decisões penso eu, já acontece naturalmente. Em relação aos objectivos, é com base na informação recolhida sobre o tipo de sinistro seja IU ou AV.</p> <p>D - Baseio-me na experiência pelo facto de ter passado por imensas situações e diversas, por vezes, também é o saber ouvir e “apanhar” algumas informações e ideias de colegas. Tudo isso é 1 manancial de informação para se criar cenários.</p> <p>E – Baseio-me em situações anteriores e na minha experiência. Cada caso é um caso, mas a maneira de trabalhar é sempre a mesma porque nos regemos pelos algoritmos tanto para os IU como para os AV.</p> <p>F – Como já disse é tanto pela experiência como pela formação, como também pelos</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>Para elaborar cenários, baseiam-se na experiência. Utilizam a Fonte de Poder - metáfora. Os objectivos já estão por norma definidos segundo os algoritmos. Há 3 participantes que os referem. Todavia no local, têm em consideração a informação recolhida</p>

## APÊNDICE 2

	<p>protocolos (marcha geral das operações e método de SAVER) que devemos ter em conta.</p> <p>G – Baseio-me na experiência do restante pessoal. Não sendo 1 pessoa de mentalidade fechada, gosto de ouvir a opinião e aceito qualquer opinião dos meus colegas e tentamos meter isso tudo em prática.</p> <p>H - Para elaborar cenários baseio-me em situações vividas e experienciadas. Os objectivos já estão por norma definidos segundo os livros e manuais de formação (UI marcha geral das operações e método de Saver nos AV). Ou seja, nós já sabemos que havendo pessoas em risco, serão sempre uma prioridade, sendo objectivos primários a estabelecer.</p>		
<p>8 - Como faz a previsão dos recursos necessários?</p>	<p>A - Costumo fazer a previsão dos recursos em função da informação recolhida, o local e dimensão do sinistro e se há ou não e o nº de vítimas.</p> <p>B - Por norma não faço previsões no quartel antes de intervir. As previsões fazem-se no local. Só constatando com o sinistro é que consigo prever e mandar avançar mais meios (humanos e materiais). São situações que não me passam pela cabeça à distância.</p> <p>C - Tudo depende da informação que o operador de central recolhe. Eu dou uma importância acrescida à informação. A partir daí não podemos exagerar nos meios a afectar nem que estes sejam escassos. Porque não podemos imaginar cenários terríveis, para uma situação em que não temos informação para isso. Portanto seguimos a máxima que o piquete que está à saída em princípio é suficiente para debelar um sinistro. Se a informação recebida for no sentido contrário, então accionamos mais recursos logo de início. Mas enquanto não tivermos mais informação, vamos trabalhar com os meios que temos.</p> <p>D - Faço a previsão em função da informação do sinistro. Ou seja, em função do que nos é dito faço a previsão e posteriormente mando avançar determinada viatura e guarnição. No local se eu me aperceber de que a situação está complicada terei de accionar mais meios.</p> <p>E – Estando aqui no quartel é difícil fazer, porque não sei concretamente a situação real. A</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>A previsão é feita com base na informação recolhida (quantidade e qualidade). Todavia há 3 participantes que não fazem na preparação, somente no local.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>informação disponível é só do pedido de ajuda. Por norma avanço para o local com o pessoal e a viatura mais indicada, e lá é que faço a previsão dos recursos.</p> <p>F – Para já, estamos prejudicados por falta de pessoal, logo somos muito poucos. Em virtude disso temos de gerir com o que temos, o que obriga a trabalharmos mais, desdobrar mais, temos de ter mais conhecimento e temos de procurar anteceder o que nos espera.</p> <p>G – Tento fazer a previsão com base no tipo de ocorrência e no local (zona antiga ou nova da cidade) do concelho. Ou seja, se é 1 AV multi-vítimas, com vários veículos, numa estrada secundária ou na auto-estrada, etc. Num IU se for dentro da cidade terei de mandar avançar a AE mas se for nas freguesias terei de mandar avançar auto-tanques por falta de hidrantes e marcos de água, etc.</p> <p>H - Por norma não faço previsão. Só se eu tiver a certeza que por exemplo num AV com matérias perigosas houver 1 derrame, sei que não tenho meios adequados para agir, logo terei de solicitar outros meios de fora. Quando em situações ditas normais, tendo meios para IU ou AV, 1º vou ao local faço o reconhecimento e depois tomo as decisões.</p>		
<p>9 - No decurso do planeamento da intervenção, consulta os seus subordinados?</p>	<p>A - Sim costume porque gosto de ter a opinião de alguém. Não gosto de ser eu sozinho a tomar todas decisões. Gosto de me apoiar numa pessoa.</p> <p>B – Sim, sou uma pessoa aberta. Muitas vezes erro porque vejo a coisa de uma maneira e depois pergunto ao pessoal qual outra maneira é a melhor. É preferível serem 2 ou 3 cabeças a pensar do que só 1. Posso ver o problema de 1 maneira, mas pode haver um bombeiro que vê de maneira diferente, porque o Chefe a determinado momento pode estar mais nervoso.</p> <p>C - Sim. 1º porque nesta profissão trabalha-se em equipa, depois a experiência acumulada de todos os elementos é uma mais valia e não pode ser descurada. Portanto, eu tenho 2 olhos, num piquete existem 10 a 12 olhos que vêem e ouvem mais e conseguem pensar melhor. Isto é como uma rede intranet, que consegue processar mais informação que 1</p>	<p>Preparação da intervenção</p>	<p>De um modo geral, consultam os subordinados para tomar decisões. Todavia há 2 participantes que não o fazem.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>único computador.</p> <p>D - Sim para saber se têm outra ideia. Apesar de serem mais novos nesta profissão têm a sua experiência como nós, vêm a mesma situação de maneira diferente e alguns têm ideias brilhantes.</p> <p>E – Normalmente não consulto. Agora posso ouvir a opinião deles e quem sabe ter em conta algumas coisas.</p> <p>F – Sim, é fundamental. Sou contra a ideia do Super-Bombeiro. Sou da opinião que pode haver 1 pessoa que sabe um pouco sobre todas as matérias. Não é barra em tudo. Todavia, há sempre outras pessoas que estão mais vocacionadas para determinados assuntos. Por exemplo, tenho subordinados que têm conhecimentos mais avançados do que eu. Logo tenho de os ouvir, porque o êxito da operação é de todos. Por vezes, quando as coisas correm mal é por culpa do Chefe, mas quando corre bem é sempre de todos. Outra coisa, por vezes podemos não estar bem por qualquer razão, logo duas cabeças pensam sempre melhor. Havendo alguma dúvida tem de ser o Chefe a impor a sua opinião. Também sou da opinião que é preferível fazer mal do que não fazer nada.</p> <p>G – Sim. Normalmente as minhas decisões são feitas em conjunto principalmente com o sub-chefe e posteriormente com o restante piquete. Tento trabalhar não como chefe mas como colega. A última palavra é sempre minha.</p> <p>H - Depende da situação. Normalmente não, porque a caminho do local não sei o que se passa concretamente. Como estou por norma a elaborar possíveis cenários estar a ouvir os colegas nem sempre é bom, depende da situação. No local se tiver tempo faço-o, mas depende, porque temos uma hierarquia a seguir e a manter, mas normalmente dou a ordem e acabou.</p>		
10 - No decurso do	A - Não costumo. Se o fizer é só no local quando sou confrontado com situações que me	Preparação da	Por norma só

## APÊNDICE 2

<p>planeamento da intervenção, consulta a sua hierarquia?</p>	<p>ultrapassam.</p> <p>B - Não costumo consultar a hierarquia. Eu não posso ter dúvidas.</p> <p>C - Não, só em situações extremas e duvidosas, onde é natural e acontece algumas vezes eu recorrer a um superior hierárquico para saber se posso sair com determinada viatura ou com mais viaturas para não deixar condicionar a nossa intervenção. Na maioria das vezes não. Tomo as decisões sozinho e avançamos. Também não há tempo para essas particularidades.</p> <p>D - Sim às vezes, para pesquisar alguma informação e outras vezes por uma questão de princípio.</p> <p>E – Não contacto ninguém. O meu objectivo é ir para o local e agir o mais rápido possível. Lá o poderei fazer.</p> <p>F – Se eu achar que é necessário sim. Por exemplo em situações que ultrapassem as minhas competências. Há situações em que as decisões competem a outras pessoas. Por exemplo, num IU se houver desalojados, não me compete a mim resolver essa situação.</p> <p>G – Sim porque tenho necessidade que isso aconteça também para saber os meios e os recursos disponíveis, bem como procedimentos a adoptar que temos que cumprir.</p> <p>H - <b>No decurso do planeamento da intervenção por norma não o faço. No local se tiver alguma dúvida sim, porque eles têm mais experiência e cenários que me podem ajudar a ser mais rápido na actuação.</b></p>	<p>intervenção</p>	<p>contactam a hierarquia quando a situação ultrapassa as suas competências.</p>
<p>11 - O que sente habitualmente quando chega ao local do sinistro?</p>	<p>A - <b>Quando chego ao local do sinistro e me apercebo que consigo resolver a situação rapidamente sinto um grande alívio.</b> Se vejo que a situação está a ultrapassar o esperado, fico bastante ansioso. Fico abalado emocionalmente por exemplo num AV com crianças ou pessoas em sofrimento aos gritos. Se estiverem cadáveres já não me incomoda tanto. Procuo lidar com isso à posterior tentando esquecer. Se chegar ao local do sinistro e encontrar colegas penso que deverá mexer comigo ainda mais, mas ainda não me ocorreu.</p>	<p>Intervenção</p>	<p>Há um sentimento de pressão e nervosismo e de ansiedade generalizada Vs alívio (se a</p>

## APÊNDICE 2

	<p>B - Sinto muitos nervos. Porque estou ali para ajudar ou salvar pessoas. Por exemplo num IU os bens estão a arder e poderá lá haver gente... Num AV poderá estar alguém dentro da viatura sinistrada... Quando saímos para um sinistro não penso em mais nada. Uma vez, estava cheio de dores de dentes. Tocou a campainha deixei de sentir as dores, não pensei em mais nada. Por vezes só depois do serviço feito é que “caio em mim”. A nível de atitudes, quero é trabalhar e controlar o serviço.</p> <p>C - A minha preocupação é tentar perceber o sinistro, o que está envolvido, o que é necessário fazer. Normalmente as emoções ficam de lado porque não há tempo para ter emoções. É um tempo de decisões e difíceis muitas vezes. É um tempo que tem que se tomar decisões rápidas, às vezes mal e nesse âmbito, as emoções ficam um pouco de lado. Não vou ser cínico ao ponto de dizer que elas não existem, nem vou dizer que o nervosismo não existe. Existe, mas da minha experiência profissional posso dizer que não há tempo para ter emoções. Apesar de elas existirem temos de as camuflar e passar por cima delas.</p> <p>D - Muitas vezes quando chego ao local e me apercebo que vamos resolver a situação com facilidade sinto uma sensação de alívio. Outras vezes quando vamos preparados para uma coisa pequena e deparamo-nos com uma situação grave sinto uma pressão e ansiedade. É evidente que à medida que vamos fazendo o nosso trabalho vamos acalmando, mas acontecem várias coisas.</p> <p>E – Sinto alguma adrenalina. Mas fico mais calmo se vejo que é uma situação não muito complicada. Caso contrário fico nervoso. A nível de sentimentos procuro não demonstrar. Se houver mortos é complicado. E se forem colegas dói (emoções) mas continuo a trabalhar apesar de nunca ter apanhado.</p> <p>F – Para já tomo conhecimento da situação, daquilo em que vinha a pensar. Se as expectativas correspondem ao que tinha idealizado. Procuro de imediato colocar os meios a trabalhar. A nível de emoções não valorizo muito porque temos de cumprir a nossa missão, mas não sou indiferente. A nível de estabelecer prioridades no decurso das manobras, não sei se vai interferir... Inconscientemente poderá interferir nas minhas tomadas de decisão.</p>		situação for familiar).
--	---	--	-------------------------

## APÊNDICE 2

	<p>Trabalhamos para que isso não aconteça, mas é um factor que lá está. Mas é no final das operações que toca e mexe nos sentimentos. Por vezes revemos os nossos filhos, quando apanhamos crianças.</p> <p>G – Sinto uma carga emocional muito maior e adrenalina ao rubro. Depois de efectuar o reconhecimento e inteirar-me da situação, dar as 1ªordens e o pessoal começar a trabalhar fico mais calmo e começo a ganhar confiança. Não entro em pânico.</p> <p>H - Normalmente quando chego ao local não sinto nada, a minha preocupação é actuar. Mas se num AV apanhar uma pessoa conhecida ou uma criança não sei qual será a minha reacção pois ainda não me aconteceu.</p>		
<p>12 - No local do sinistro, reavalia a situação?</p>	<p>A - Sim costumo. Acho que é necessário porque o que decidimos na hora por vezes não é o mais indicado à medida que a situação vai evoluindo. Normalmente faço com o meu subchefe.</p> <p>B - <i>Sim costumo, no decorrer e até ao fim. Porque tudo tem de ser visto e acompanhado, nada pode ficar para trás.</i></p> <p>C - Sim costumo porque faz parte da minha função fazer uma reavaliação constante. A minha função é a tomada de decisão e a reavaliação constante. Ou seja, tenho de acompanhar a evolução do sinistro seja IU ou AV ou outra coisa e tenho que ver se tenho mais meios num lado ou outro, tenho que gerir.</p> <p>D - Sim constantemente à medida que a situação vai evoluindo.</p> <p>E – Obvio que sim sempre que necessário seja com o pessoal ou nas manobras de socorro.</p> <p>F – Sim normalmente. No 1º contacto se as coisas não estão a correr bem tento saber logo porquê. Mas costumo fazer reavaliações quer corra bem como mal, porque é fundamental. Tenho a necessidade de estar continuamente a avaliar. Pessoalmente gosto de supervisionar</p>	<p>Intervenção</p>	<p>Todos por norma reavaliam a situação.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>toda a ocorrência/situação e gosto de ver a equipa a trabalhar para saber se está tudo bem.</p> <p>G – Sim várias vezes ao longo do decorrer das manobras vou reavaliando, porque a qualquer momento poderá por exemplo haver alguma alteração de comportamento do IU, quer das vítimas, quer no combate, etc e na hora tenho de adoptar nova estratégia. Faço a reavaliação juntamente com o sub-chefe.</p> <p>H - Sim costumo reavaliar a situação. É uma obrigação pois o cenário vai mudando.</p>		
<p>13 - Habitualmente ajusta as suas decisões nas ocorrências de IU ou AV?</p>	<p>A - Sim isso é necessário. Não sou daquelas pessoas que querem tudo à sua maneira. Tento reajustar sempre que necessário até mesmo a nível de pessoal. Por exemplo, quando há alguém que não sente à vontade com determinada tarefa ou ferramenta procuro substituí-lo por outro. Ou seja, faço ajustes nos meios humanos e materiais.</p> <p>B - Sim habitualmente. Perante as situações ou no decorrer delas vou tomando decisões.</p> <p>C - Sim, mas por vezes nem sempre tomamos a melhor decisão. Ou tomando a melhor decisão por vezes nem sempre é possível concretizar sendo necessário tornar. A nossa profissão é uma profissão eclética e temos de estar preparados para isso.</p> <p>D – Sim, faço isso várias vezes. Por vezes vale mais ajustar 1 decisão do que por capricho mantê-la sabendo que ela está errada porque depois as consequências vão ser muito maiores. Aliás se a estratégia não for bem planeada é melhor ajustar logo tudo e assumir as coisas do que comprometer o serviço.</p> <p>E – Sim. Qualquer coisa que não me tenha apercebido anteriormente ou que surja repentinamente, procuro alterar e ajustar.</p> <p>F – Sim sempre. Como disse anteriormente, se houver dúvidas tenho de impor a minha opinião na altura. É fundamental ouvir as pessoas e é sempre bom verificar tudo nem que tenha de alterar. É como disse atrás, ninguém é dono da razão. As minhas decisões sejam</p>	<p>Intervenção</p>	<p>Com base na experiência, por norma fazem ajustes após avaliação da situação, podendo originar um novo curso de acção se se justificar.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>para IU ou AV são tidas em função de determinada ocorrência, porque cada caso é 1 caso.</p> <p>G – Se se justificar sim. Mas se a decisão que tomei for a mais correcta mantenho-a. Se a situação se alterar vou ter de reavaliar e tomar nova decisão.</p> <p>H - Sim costume fazê-lo. Por vezes determinadas manobras que ordenei não correm como esperamos e então tenho de tomar novas decisões perante a situação.</p>		
<p>14 - Em que se baseia quando tem de tomar decisões face a situações imprevistas no decurso de uma ocorrência de IU ou AV?</p>	<p>A - Baseio-me na informação que vou recolhendo à medida que se vai desenrolando as manobras de salvamento, e em tudo aquilo que vejo e me vou apercebendo do que está a acontecer. Ouço também as pessoas (outras entidades, familiares, amigos, vizinhos e populares, etc) no local.</p> <p>B - É complicado porque são decisões que temos de tomar muito bem, onde nós Chefes temos de analisar muito bem. Por vezes temos de recuar para ajustar mais e melhor a situação à realidade. Por norma baseio-me no que vejo, nas condições do local, nas informações dos bombeiros e das próprias vítimas, etc.</p> <p>C - Face a situações imprevistas, toda a nossa tomada de decisão baseia-se na nossa experiência profissional, no nosso conhecimento e por vezes na informação da central de comunicações entre outros.</p> <p>D - O bombeiro tem por lema: com ou sem preparação não pode virar as costas a nada. Penso que é baseado nos meus conhecimentos técnicos e formação e também na experiência. Agora é assim, se estiver preparado e qualificado para fazer face a 1 situação imprevista que domino, penso que deverei resolvê-la.</p> <p>E – Baseio-me principalmente na minha experiência porque já são muitos anos. Também baseio-me na experiência dos colegas, na informação recolhida e no que vejo.</p> <p>F – Bem, o imprevisto poderá trazer grandes dissabores... mas para já devemos ter em conta o acompanhamento da situação que é fundamental. E tento ver a ocorrência pelo lado</p>	<p>Intervenção</p>	<p>Experiência adquirida, recurso à fonte de poder metáfora, informação adicional e conhecimentos técnicos (formação).</p>

## APÊNDICE 2

	<p>menos bom, pensando sempre que poderá acontecer isto e aquilo. Nós temos de criar defesas para nós próprios porque não podemos fazer todas as coisas como queremos. Temos de ser nós próprios a adaptar à situação. Devemos também tentar prever sempre o pior e estar muito atentos durante a ocorrência. Costumo ponderar sobre todos os pormenores/factores para poder controlar ao máximo a situação caso surja um imprevisto. Todavia há situações que facilitamos e depois ficamos susceptíveis ao imprevisto.</p> <p>G – Baseio-me 1 pouco em tudo. Quer na situação em concreto, quer na formação, etc. Vou ter de pensar mais 1 pouco e reavaliar a situação e tentar controlá-la novamente.</p> <p>H - <i>Por norma baseio-me na minha experiência recorrendo a cenários anteriores e à formação, que me levam a deduzir o que poderá vir a acontecer a seguir. Mas basicamente é a experiência.</i></p>		
<p>15 - Terminada a intervenção, costuma avaliar as suas decisões?</p>	<p>A - Sim. Eu acho que é importante depois de terminadas as operações fazer um debriefing. Num 1ª fase, faço só para comigo e vejo o que correu bem e mal, o que poderia ter melhorado, que outra decisão poderia ter tomado e se as decisões foram as correctas. Depois falo com a equipa e aceito a opinião deles.</p> <p>B – Sim, juntamente com a equipa. Não faço só para mim. Eu avalio-os e eles a mim. A avaliação é feita no local e sobre situações mais complexas, o que falhou e onde se pode melhorar.</p> <p>C - Sim. Normalmente a intervenção é dissecada em equipa. È também tradição no CBS durante as instruções, questionar-se os bombeiros sobre as nossa actuações. Falamos com as pessoas que interviram e perguntamos o que correu bem e mal, sempre com o objectivo de melhorar e evoluir, tanto eu como o resto da equipa.</p> <p>D – <i>Sim, costumo fazer em equipa preferencialmente no terreno. Abordo a nossa prestação e serviço no sentido de evoluir.</i></p> <p>E – Normalmente conversamos entre todos, tanto sobre as minhas decisões como o serviço</p>	<p>Avaliação das decisões</p>	<p>Por norma é usual todos fazerem a avaliação dos cursos de acção que tomaram, no decorrer da intervenção.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>deles. Mas 1º faço uma auto-avaliação sobre os procedimentos que tomei.</p> <p>F – Eu tenho por hábito avaliar sempre a situação no local e sozinho. Por vezes poderei fazê-lo com mais alguém para ver pormenores que escaparam na altura da actuação. Com o pessoal faço a avaliação por norma no quartel para saber o que correu bem, menos bem, como o pessoal reagiu, etc, e gosto de os ouvir. No local em ocorrências complicadas, em equipa não o faço porque tenho medo de sermos mal interpretados pelos populares/familiares em virtude da nossa verbalização e postura pós-manobras. Mas se forem situações demoradas e menos complexas tento fazer. Seria interessante também fazer com outras equipas mas não tem acontecido.</p> <p>G – Sim costumo. 1º faço 1 auto-avaliação e tento ver onde estive menos bem. Posteriormente avalio a equipa para que eles também façam a sua avaliação e juntos possamos melhorar. Normalmente fazemos no local e terminamos no quartel.</p> <p>H – Sim sempre. Costumo fazer uma auto-avaliação no regresso. No quartel fazemos em grupo para apurar o que correu bem e mal.</p>		
<p>16 - Que critérios utiliza para avaliar as decisões que tomou?</p>	<p>A - Como critérios utilizo o melhor trajecto, a estratégia definida e o desempenho da equipa.</p> <p>B - <i>Nós para tomarmos decisões temos de ter os pés bem assentes no chão. Os anos também ensinam, isto é, o calo de um bombeiro mais velho. Ou seja, os meus conhecimentos, a experiência e as ordens cumpridas.</i></p> <p>C - Tem tudo a ver com o empenhamento profissional. Não há critérios, a nossa actuação é utilizarmos as nossas competências no debelar dos sinistros. Agora se correr bem ou correr mal, isso depois vai ser dissecado.</p> <p>D - Entre outros o resultado final da operação e se tudo funcionou como foi determinado por mim.</p>	<p>Avaliação das decisões</p>	<p>De uma forma global, utilizam como critérios as ordens dadas, a estratégia definida, o curso de acção e o desempenho da equipa.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>E – Normalmente utilizo como critérios a execução das minhas ordens, se a equipa trabalhou de acordo como defini, se seguiram a minha estratégia, se a equipa foi rápida na execução das manobras e se cada um usou o seu EPI.</p> <p>F – Ora bem, 1º a nossa actuação num todo, depois as trocas de informação, o salvamento/protecção das vítimas, prestação da equipa e individual de cada bombeiro.</p> <p>G – Como critérios tenho o trajecto, estratégia adoptada e manobras executadas.</p> <p>H - Por norma avalio tudo o que diz respeito à ocorrência.</p>		
<p>17 - Na sua opinião, quando é que uma intervenção numa ocorrência de IU ou AV é bem sucedida?</p>	<p>A - Para mim uma intervenção é bem sucedida num IU quando conseguimos extinguir um incêndio o mais rápido possível sem prejuízos a mais para além dos provocados pelo incêndio. Num AV é quando socorremos as vítimas de modo que o seu estado não se agrave. A nível da equipa, também quando ela trabalha num todo e segue os algoritmos quer para IU (Marcha Geral das Operações), quer para AV (Método de Saver).</p> <p>B - É bem sucedida quando nós chegamos por exemplo a 1 AV e logo de início confiamos na equipa, começamos a trabalhar de modo correcto e pelo sítio certo. Num IU é quando entramos e atacamos pelo sítio certo e dominamos as chamadas rapidamente não estando ninguém no interior.</p> <p>C - <b>Uma intervenção bem sucedida é quando somos capazes de colocar na nossa actuação o nosso sentido profissional.</b> Se trabalharmos bem com sentido de responsabilidade e com profissionalismo empregando as nossas competências então estamos no bom caminho.</p> <p>D - Uma intervenção para mim é bem sucedida seja num IU ou AV, quando são salvas as vítimas. Isso é 1 regra de ouro e apagar o incêndio passa para 2º plano.</p> <p>E – Considero que a nossa intervenção é um sucesso quando eu consigo analisar bem a situação e a partir daí sob minha responsabilidade as ordens serem cumpridas rapidamente e de modo eficiente e salvar-se as vítimas. No fundo é quando a intervenção é feita como eu</p>	<p>Avaliação das decisões</p>	<p>Para muitos dos entrevistados, a intervenção é bem sucedida quando se salvam vítimas, redução de estragos, rapidez na actuação e no trabalho em equipa. Há 2 participantes que referem o uso e aplicação dos algoritmos.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>queria, com rapidez e sem falhas, com aplicação das devidas técnicas seguindo os algoritmos.</p> <p>F – Em 1º lugar são os salvamentos de vítimas. Por exemplo num AV removê-las nas mesmas ou em melhores condições. Num IU, salvá-las do incêndio seja das chamas, fumos e gases provenientes da combustão. Depois a prestação da equipa.</p> <p>G – No AV sempre que a vítima é retirada em iguais condições ou melhores desde a nossa chegada. Num IU, salvar possíveis vítimas e minimizar os estragos originados pelo incêndio.</p> <p>H - Depende muito da situação. Por norma uma intervenção é bem sucedida num AV quando as vítimas são salvas sem agravar o seu estado de saúde. Num IU o sucesso passa por salvar vidas e bens do incêndio e evitar mais estragos no decurso da nossa actuação.</p>		
<p>18 - Na sua opinião, o que facilita a preparação para uma ocorrência de IU ou AV?</p>	<p>A - Na minha opinião é fundamental a formação, a pessoa (chefe) estar bem formada, ter conhecimentos técnicos, para conseguir levar a cabo a nossa missão ocupando o seu papel. Chefiar é bem diferente de ser chefiado. Requer arte!</p> <p>A nível de equipa, muito treino não só de técnicas e manobras mas também com o equipamento seja para IU e AV.</p> <p>B - A preparação é facilitada pela instrução, formação, visitar os locais de risco, o “calo” do bombeiro para que não fique tão nervoso.</p> <p>C - Facilita a preparação uma boa condição física e mental, uma boa preparação técnica no quartel, a existência de bom EPI e outros factores que nos permitem agir de uma maneira mais natural. Quero eu dizer com isto que, não estamos preocupados com determinados condicionalismos que nos poderiam limitar a nossa intervenção. Ou seja, uma boa estrutura logística no quartel é o 1º passo para que a</p>	<p>Factores facilitadores</p>	<p>Maioritariamente todos afirmaram a formação e o treino. 3 participantes referem a preparação física e psicológica.</p>

## APÊNDICE 2

	<p>nossa actuação lá fora corra com sucesso, porque sabemos que estamos preparados. Mas tudo parte de cada um de nós.</p> <p>D - Muito treino, porque não há incêndios todos os dias e iguais, cada situação é diferente a anterior. Então devemos fazer dos treinos o nosso dia a dia para estarmos sempre prontos sempre que formos solicitados.</p> <p>E – <b>É evidente que o que facilita a preparação é a instrução e a formação que nós bombeiros temos e devemos continuar a ter.</b> Penso também que as pessoas não se podem basear só nisso, porque cada caso é um caso e as situações reais são bem diferentes.</p> <p>F – Na preparação facilita muito a instrução com o adquirir e relembrar os conhecimentos técnicos, a preparação física e psicológica e confiança na equipa.</p> <p>G – O que facilita a preparação obviamente que é a formação. E cada elemento deve vir para o serviço bem física e psicologicamente.</p> <p>H - O que facilita a meu ver será muito treino, muitos simulacros e cenários vividos e a própria experiência.</p>		
<p>19 - Na sua opinião, o que facilita a intervenção numa ocorrência de IU ou AV?</p>	<p>A - O que facilita a intervenção para mim é uma boa equipa, bastante formação técnica e sobre liderança e bom material (EPI, equipamento de combate e de desencarceramento e viaturas).</p> <p>B - A intervenção é facilitada pela liderança, formação e pelo desgosto das pessoas onde nós situação após situação real, vamos evoluindo.</p> <p>C - Volto à pergunta anterior. Facilita a intervenção a nossa condição física e mental, técnica e o nosso treino. Dou 1 exemplo, os AV como é sabido, são das</p>	<p>Factores facilitadores</p>	<p>De acordo com os entrevistados, para a intervenção facilita a experiência, boa liderança, espírito de equipa, conhecimentos técnicos, EPI e condições</p>

## APÊNDICE 2

	<p>situações mais delicadas dos bombeiros, porque envolve quase sempre vidas humanas em situação de precariedade. Nós aqui na CSB a partir de uma determinada altura até ao presente, e a partir de uma determinada mudança de mentalidades a nível técnico e tático, para a abordagem aos sinistros começamos a ter cá carros velhos para treinar e exercitar. E hoje posso dizer que a partir dessa altura se nota uma grande preparação e à vontade do pessoal para procederem ao desencarceramento de vítimas. E acho que é condição fundamental o treino.</p> <p>D - Para mim 2 coisas, os conhecimentos teórico-práticos e o EPI que nos permite ir mais longe onde antigamente não íamos.</p> <p>E – Tanto num IU ou AV, 1º que tudo facilita sairmos do CBM com calma (baseada na experiência, formação e no próprio carácter) e sangue frio. Não entrar em histeria para assim atingirmos os nossos objectivos.</p> <p>F – Na intervenção seja em AV e IU facilita o pessoal estar a trabalhar em equipa onde cada 1 sabe o que tem de fazer e dá o seu melhor no decorrer das manobras.</p> <p>G – Novamente a formação, os conhecimentos técnicos, calma, 1 bom estado de espírito, uma boa liderança com ordens claras e concisas e confiança dentro da equipa.</p> <p>H - Facilita as ordens serem cumpridas, não haver nada que “saia dos eixos” do que planeei. Senão tenho mais um problema para resolver e por conseguinte terei de reavaliar a situação.</p>	logísticas (material e ferramentas).
--	--	--------------------------------------

## APÊNDICE 2

Entrevistados:

A – Bombeiro Municipal há 25 anos, 9º ano

B – Bombeiro Municipal há 36 anos, 4ª classe

C – Bombeiro Sapador há 24 anos, licenciado

D – Bombeiro Sapador há 22 anos, 12º ano

E – Bombeiro Municipal há 19 anos, 9º ano

F – Bombeiro Municipal há 34 anos, 12º ano

G – Bombeiro Municipal há 8 anos, 12º ano

H - Bombeiro Municipal há 11 anos, estudante do 2º ano da Licenciatura de Protecção Civil